

## Ramiro Vasconcelos

Aquele era o seu dia e com toda a certeza ele sabia disso. Se preparou, passou por suas anotações e pelos itens principais que iria abordar na conversa. Seu costume estava ajustado - era o seu Príncipe de Gales favorito, um tom azul Royal com riscas em um leve tom de rosa. A gravata em um tom de rosa um pouco mais escuro trazia alguns pequenos detalhes que se encaixavam em seu visual como um todo. Sapatos marrom escuro lustrados, seu cabelo baixo agora modelado - graças a sua nova pomada - em um penteado casual, mas também sério, algo que transmitia a mensagem que desejava. *Sou um homem de negócios, mas também divertido*, pensou consigo.

Ele sabia que aquilo não tinha muito a ver com a realidade, pessoas podiam ser sérias e divertidas no ambiente de negócios, mas este público era um pouco diferente, um pouco mais conservador.

- E é por este motivo principalmente que vocês fizeram uma excelente escolha! Ficarei extremamente feliz em prover toda a ajuda necessária. Muito obrigado! - abriu o sorriso enquanto gesticulava em frente ao espelho em seu quarto. - Se acalma Victor, você já conversou com eles uma vez, já os conhece. A plateia é sua.

Desceu então para a cozinha, pegou as chaves do seu carro e se dirigiu para o local da reunião. A cidade estava em sua correria de sempre, carros para todos os lados, pedestres atarefados. Todos com um senso de urgência, como se o tempo de cada um fosse o mais importante. *Impressionante...* - pensava ele. A bem da verdade essa ideia sempre sondava sua mente. *Qual seria o motivo dos indivíduos acreditarem que seu tempo era realmente mais valioso frente a todos os outros?* pensou.

Chegara então ao edifício onde a reunião seria realizada. Este era recém-inaugurado na cidade, extremamente conceitual e concebido por um dos melhores e mais novos talentos da região. Se lembrou que o noticiaram como sendo um dos edifícios mais tecnológicos do país "um artefato de inteligência elaborada no coração financeiro da cidade" diziam os críticos.

*Bom, vamos lá.*

Respirou fundo e com passos firmes adentrou o *hall* do prédio. Detalhes em vidro, obras antigas de povos Maias, Incas e Astecas podiam ser vistas espalhadas por toda a entrada. Uma recepção toda em mármore branco, contrastava com as pequenas mesas trabalhadas em mogno e carvalho, com poltronas para espera. Recepcionistas cumprimentavam os convidados, homens e mulheres de negócios que também estavam ali para seus diversos compromissos e a confraternização que aconteceria mais tarde. Era possível ouvir vários idiomas sendo falados naquele momento. Todos correndo com seu próprio tempo.

*Não há muito que se fazer, apenas não quero ser igual*, pensou.

Uma pequena banda de jazz tocava enquanto garçons serviam champagne aos convidados.

- Senhor Victor! Que grande prazer te receber em nossa casa - disse o jovem rapaz - Venha por aqui, sua autorização de entrada já está pronta. O senhor Lucas nos antecipou sobre sua visita e insistiu que o recebêssemos em pessoa.

- Muito obrigado! - respondeu com um sorriso - Acredito ter chego um pouco mais cedo, mas...

- Não se preocupe! - interrompeu o rapaz - Por aqui, venha - disse agora levando Victor para o corredor dos elevadores enquanto levemente ajustava sua gravata.

Seguindo o conceito de tecnologia fundida ao edifício, os elevadores eram basicamente autônomos, bastava escanear o seu cartão de acesso em um pequeno totem na entrada e visualizar na tela qual seria o seu respectivo carro. Cada carro era propriamente identificado com um numeral romano. *Aí está uma coisa que não estou acostumado* pensou consigo mesmo.

O carro de número X agora os levava para o último andar do edifício. Este era incrivelmente rápido e em questão de segundos estavam no andar desejado.

- Mais uma vez senhor Victor, fique à vontade! Posso te servir um café, água ou alguma outra coisa que queira?

- Muito obrigado Tomaz, fico agradecido. Vou apenas ficar por aqui e esperar.

- Sem problemas! Peço que aguarde mais um pouco, eles estão finalizando uma outra reunião - disse Tomaz agora se retirando do andar e retornando ao corredor dos elevadores.

Victor observava. Naquele andar, ao centro havia algumas poltronas em couro com um estilo bem moderno, próximas a uma mesa de centro. A sala era tomada por quadros e pinturas que pareciam ser de séculos atrás. Várias obras de arte expostas, e o contraste entre elas era de saltar os olhos. Duas pinturas, uma bastante conhecida de Victor e a outra nem tanto, chamaram sua atenção. Uma delas mostrava um homem nu, deitado sobre uma superfície, olhando para um outro homem, este mais velho, carregado por criaturas angelicais e coberto, ambos buscando um toque

com a ponta de seus dedos indicadores. *A Criação de Adão, o famoso afresco de Michelangelo*, pensou.

Uma reprodução invejável ele diria. Teve a oportunidade de passar pela Capela Sistina durante uma pausa em uma de suas viagens de negócios pela Europa, quase quatro anos atrás, e a sensação foi como a de estar lá novamente, guardadas as proporções. Esta pintura por sua vez tomava uma das paredes quase que em sua totalidade, não havia como não admirar.

Do outro lado da sala, próximo a algo que pôde identificar como alguma espécie milenar de vaso de alguma dinastia chinesa, estava um outro quadro. Em uma pequena identificação de metal dourada lia-se *“O caminhante sobre o mar de névoa – Caspar David Friedrich, 1818”*. Um jovem homem em pé, sobre um pico rochoso, contemplando uma paisagem e um horizonte tomado em névoa e neblina, vestindo um casaco escuro, de costas para o espectador e apoiado em uma espécie de cajado.

*Acredito que posso me ver como este homem... me sinto bastante próximo a este cenário em minha mente também*, refletiu.

Tomado por aquele momento e levado em seus pensamentos em sua autorreflexão, foi trazido de voltar por uma voz familiar – Vejo que alguém está um pouco introspectivo neste final de tarde – disse um homem bem afeiçoado, de altura média e cabelos castanhos claros meticulosamente penteados – muito feliz em vê-lo novamente! – agora com uma ênfase em sua voz e um pequeno sorriso.

Victor ficou com as maçãs do rosto um pouco avermelhadas, mas seguiu com o roteiro.

- O prazer é todo meu, Lucas.

O caminho para a sala de reuniões não era tão complicado. Apesar de ser um andar maior que os que já vira, aquele conectava com a cobertura do prédio e assim que subiram um pequeno lance de escadas estavam na cobertura. Mais poltronas, obras de arte, um piano de cauda marrom e luminárias por todos os lados. A sala era totalmente cercada por paredes de vidro, pelas quais era possível observar o panorama de toda a cidade. Impressionado, Victor se aproximou um pouco mais.

- Fascinante, não é mesmo? – disse Lucas também observando a cidade.

- As luzes contrastam de uma maneira incrível e os carros indo e vindo. O sol se pondo no horizonte. Que vista maravilhosa essa de vocês! – disse controlando sua animosidade para não parecer como um adolescente, mas já era um pouco tarde.

Lucas sorriu.

- Você é um indivíduo interessante... fico feliz em ter estado naquela primeira apresentação com você e meu pai – Lucas disse com admiração. – Venha, ele está nos esperando.

Em uma sala toda cercada de paredes de vidro, no centro do andar estavam doze cadeiras e uma alta poltrona em couro marrom podia ser vista em uma das pontas da mesa. Esta confortavelmente aconchegava um homem de cabelos castanhos claros e longos, parecendo estar próximo aos seus sessenta anos de idade, mas extremamente bem conservado.

- Victor, meu garoto! – disse o sujeito agora se levantando da poltrona e indo de encontro a Victor.

- Miguel, um prazer estar novamente com o senhor! – disse Victor enquanto cumprimentava.

- Sem formalidades meu jovem. Você é um rapaz muito educado, mas prefiro falar com você normalmente, nada de senhor ou coisa do tipo – disse ele, sorrindo agora para Lucas. – Filho, busque para nosso convidado aquele vinho que reservamos.

- Mas Miguel, por favor, você não precisa... – respondeu Victor um pouco sem jeito, quando foi interrompido.

- Sem formalidades garoto, sem formalidades – Miguel sorria mais uma vez, agora se sentando em sua poltrona novamente. – Sente-se, sente-se ...vamos conversar um pouco

Victor já buscava suas anotações e o seu *laptop* para se preparar para a apresentação, quando foi interrompido mais uma vez por Miguel, agora com a mão direita sobre a sua bolsa.

- Garoto, vamos *conversar* – enfatizou ele. – Sei que você é um rapaz bem treinado e gosta de ir direto ao ponto. Admiro muito estas qualidades em você. Contudo, neste momento, quero apenas ter uma conversa e aproveitar que estamos somente nós três aqui.

Lucas acabara de retornar com uma garrafa de Bourdeaux, Château Lafite de 1869 e três taças.

- Também sei me portar formalmente caso necessário, mas hoje não é o caso – enfatizou Miguel.

Victor apenas sorriu sem jeito, enquanto guardava as anotações.

- Vamos começar pelo elefante na sala – continuou Miguel. – Estamos em um ambiente de comemoração e celebração nesta noite. – O contrato é seu. – Olhou para Lucas – Certo, filho?

- Com toda a certeza – respondeu Lucas, agora cuidadosamente colocando a taça em frente a Victor.

- Concordamos nisto, e quanto a este tema não temos sombra de dúvida – falou Miguel agora se levantando e andando de um lado para o outro enquanto continuava.

- Sabe Victor, fazer negócios, de certa forma, é uma arte. Muitos menosprezam. Acreditam que isto é meramente uma alusão ou ainda resquício da antiga prática de escambo da nossa sociedade. Mas posso te dizer que não. Óbvio que temos sim, uma mutualidade, e buscamos uma troca inicial, mas, um lado sempre acaba querendo se beneficiar mais que o outro atualmente. E é neste sentido que acredito que está o problema.

- Concordo. Fico feliz em saber que ganhamos a sua credibilidade e vencemos esta proposta, mas saiba que não estamos buscando nenhuma vantagem sobre a sua operação Miguel. – disse um pouco confuso, mas acompanhando.

- Fique tranquilo, não me refiro ao nosso contrato. Me refiro a esta cidade Victor. – Miguel agora olhava para a cidade, através das grandes paredes de vidro do andar.

Nenhum deles havia bebido ainda.

- Depois de certo tempo por aqui, trabalhando, socializando com as variadas camadas deste lugar, eu me vejo na obrigação de fazer algo mais significativo, algo... maior. E sei que não conseguirei fazê-lo sozinho. Alguns foram nascidos para a grandeza Victor, e você sabe do que estou falando.

Lucas se sentou de frente para Victor, e agora olhava em seus olhos.

- O que meu pai quer dizer Victor, é que esta cidade precisa de uma nova direção. Ela precisa de alguém que a estime e que a guie para a sua grandeza. E para isso nós precisamos de você. – disse Lucas tirando um envelope selado em cera vermelha, com o símbolo da família, do bolso interno de seu blazer e empurrando na direção de Victor.

Não sabia ainda o conteúdo da carta, mas já imaginava por alguns boatos que corriam nos altos círculos da cidade. *Uma conversa, um envelope. Não há como dizer não.*

Tomou o envelope em suas mãos olhou para ambos. Lucas o fitava com um leve sorriso de canto, aquele mesmo sorriso. Por um segundo, fora tomado por um frio na espinha. Havia se preparado para uma reunião de negócios, mas esta conversa, mais informal, o havia pego de surpresa.

*Como vou dizer não? Será que eu quero dizer não? Lucas poderia ter me dado ao menos algum sinal disto ontem!*

- Me sinto honrado pelos elogios e ainda mais por este convite – levantou-se de sua cadeira. – Mas não sei se estou no nível de receber tamanha oferta.

Lucas fechou os olhos e maneou a cabeça.

Miguel voltou a olhar para Victor, como quem havia saído de um transe.

- A solidão é algo *fascinante*, não é mesmo Victor? Mas você não precisa mais estar só. O homem na sua pequenez é um ser frágil, fraco e egoísta. Está na hora de você abandonar esta frágil humanidade que te prende. – Sorriu. – Um brinde a todos os que vieram antes de nós, um brinde aos que virão. Mas ainda mais importante: um brinde a nós!

Lucas então olhou para Victor, mas desta vez de uma forma diferente. Victor fora tomado por um êxtase como nunca antes. Seu coração agora acelerado, sua mente projetando milhares de pensamentos, mas uma única coisa era clara como cristal para ele. *Lucas.*

- Precisamos de você...*eu preciso de você* – disse Lucas ainda olhando fixamente para Victor e tomando sua mão direita. – Abra o envelope.

Sem ter controle algum sobre si Victor abriu o envelope. Antes que pudesse refletir sobre seu conteúdo os lábios de Lucas já estavam contra os seus. Nada poderia descrever aquele momento. A sensação de solidão se dissipou, e sua mente agora não estava mais nublada ou confusa. Em sua mente só havia espaço para aqueles olhos verdes e aquele sorriso inebriante. Uma devoção tomou seu coração como nunca. Sentiu como se em uma queda livre.

Miguel saíra da sala sorrindo, e ao longe disse – Nos falamos amanhã garoto!

Com os olhos abertos Lucas olhava para Victor. – Não precisa ter medo.

*Eu não estou com medo.*

Fechou os olhos e sentiu uma leve fisgada, como quem vira o rosto para tomar uma injeção. Seu coração agora mais acelerado que antes. Visões em sua mente tomavam as mais diversas formas. Era como se ele pudesse viajar por anos, décadas... séculos. Sentiu como o caminhante da pintura, mas ao mesmo tempo como Adão, imperfeito e buscando sempre algo mais alto, algo que não era capaz, até aquele momento. O tempo parecia não mais correr tão depressa.

*É assim então...assim que é o toque do divino.*

O colarinho de sua camisa branca agora era tomado por um tom de carmim. Caiu sobre a cadeira. A carta que estava em suas mãos agora repousava no chão.  
*Bem-vindo a família.*